

DESENVOLVIMENTO DE ATLETAS TALENTOSAS DO FUTEBOL FEMININO

Rodrigo Schmidt¹, Marcelo Massa¹, Carla Nascimento Luguetti², Maria Tereza Silveira Böhme³
Carlos Bandeira de Mello Monteiro¹, Alessandro H. Nicolai Ré¹

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa foi investigar a interferência do treinamento esportivo e de fatores psicossociais na formação de atletas talentosas do futebol feminino. Foram entrevistadas 29 atletas da equipe vencedora da Copa Libertadores da América no ano de 2009, com idades entre 16 e 32 anos. Foi realizada uma pesquisa qualitativa composta de sete perguntas semiestruturadas. Os dados foram analisados a partir do “Discurso do Sujeito Coletivo”. Verificou-se que: a) as meninas iniciaram a prática do futebol feminino “na rua” (51,7%); b) o destaque na modalidade veio com o tempo para 65,5% das entrevistadas; c) 48% das meninas afirmaram que o treinamento não era planejado; d) o interesse no futebol e o amor pelo esporte foram os principais motivadores da prática (58,6%); e) 93,1% das meninas relataram receber apoio da família; f) 79,3% julgam possuir remuneração adequada no momento atual da carreira, contudo, 58,6% jogaram na idade adulta sem receber apoio financeiro e os pais financiavam a prática (55,2%); g) os professores da iniciação foram citados como os mais importantes (55,2%). De modo geral, conclui-se que a formação de algumas das principais jogadoras de futebol do Brasil e do mundo não ocorre de modo sistematizado (treinamento formal) e é dependente do apoio familiar e da possibilidade de jogar em locais públicos com meninos (irmãos, primos, amigos, etc.).

Palavras-chave: Desenvolvimento do talento. Futebol feminino. Talento esportivo.

ABSTRACT

Development of talented women's football athletes

The aim of this research was to investigate the interference of sports training and psychosocial factors in the development of talented female football players. Twenty-nine athletes from the winning team of the Copa Libertadores da América in 2009, aged between 16 and 32, were interviewed. Qualitative research was carried out consisting of seven semi-structured questions. Data were analyzed from the “Collective Subject Discourse”. It was found that: a) women started to practice women's football “on the street” (51.7%); b) the success in the modality came with time for 65.5% of the athletes; c) 48% of the athletes stated that the training was not planned; d) the interest in football and the love for the sport were the main motivators of practice (58.6%); e) 93.1% of the athletes reported receiving support from the family; f) 79.3% believe they have adequate remuneration at the moment of their career, however, 58.6% played in adulthood without receiving financial support and their parents financed the practice (55.2%); g) Initiation teachers were cited as the most important (55.2%). In general, it is concluded that the development of some of the main football players in Brazil and in the world does not occur in a systematic way (formal training) and is dependent on family support and the possibility of playing in public places with boys (siblings, cousins, friends, etc.).

Key words: Talent development. Women's football. sports talent.

- 1 - Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, São Paulo, Brasil.
2 - College of Sport and Exercise Science at Victoria University, Australia.
3 - Universidade de São Paulo. Escola de Educação Física e Esporte, São Paulo, Brasil.

E-mail dos autores:
rodrigosschmidt01@gmail.com
mmassa@usp.br
Carla.NascimentoLuguetti@vu.edu.au
terbohme@usp.br
carlosmonteiro@usp.br
alehnre@usp.br

INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte mais popular no Brasil, sendo praticado por milhares de meninos, em ruas, escolas e clubes.

Ao contrário da realidade do futebol masculino no Brasil, o futebol feminino tem menor número de praticantes, pois ainda atualmente, parte das meninas não tem acesso a essa modalidade durante a infância devido a fatores culturais e sociais, prejudicando o desenvolvimento e formação de atletas (Chaves, 2007; Knijnik, 2006; Goellner, 2005; Franzini, 2004; Freitas, 2004; Darido, 2002).

Contudo, quando se observa os resultados que a seleção brasileira de futebol feminino alcançou na última década, verifica-se a qualidade das jogadoras brasileiras frente a seleções de países como Alemanha e Estados Unidos, os quais possuem número de clubes, jogadoras e praticantes consideravelmente maiores do que o Brasil (Chaves, 2007).

O Brasil atualmente está no 7º lugar no ranking mundial de Futebol Feminino da FIFA (FIFA, 2022). Dentre os principais resultados da seleção, estão: 4º lugar no Mundial Sub-20 nos anos de 2002 e 2004, 3º lugar no Mundial Sub-20 no ano de 2006, 4º lugar nas Olimpíadas de 1996 e 2000, 2º lugar nas Olimpíadas de 2004 e 2008, 3º lugar no Campeonato Mundial de 1999 e 2º lugar no Mundial de 2007, além do 1º lugar nos Jogos Panamericanos de 2003, 2007 e 2015 e o 2º lugar nos Jogos Panamericanos de 2011.

Os resultados competitivos descritos acima classificam o Brasil como uma das principais potências na modalidade. Surge então a seguinte questão: como as futebolistas talentosas se desenvolvem no Brasil?

A pesquisa inicial na área de talento esportivo visava o diagnóstico e prognóstico esportivo, ou seja, analisar as possíveis variáveis indicadoras de desempenho futuro em determinada modalidade.

Em grande parte das pesquisas, eram consideradas somente as características cineantropométricas e elaboração de perfis que pudessem ser considerados adequados para determinada modalidade; no entanto, o talento é dinâmico e, portanto, imprevisível (Abbott, Collins, 2004).

Fatores como a dificuldade da estabilização das variáveis e a possibilidade de ocorrência do fenômeno da compensação

(Calvo, 2003), podem ser citados como principais responsáveis pela inconsistência dos resultados obtidos por meio destes trabalhos.

Desse modo, ampliam-se as atenções para estudos que buscam compreender o desenvolvimento do talento esportivo através de pesquisas com delineamento retrospectivo, levando à proposição de desenvolvimento de talentos em diferentes áreas do conhecimento (Csikszentmihalyi, Rathunde, Whalen, 1997; Bloom, 1985; Schiavon e colaboradores, 2011; Marques, Samulski, 2009; Johnston e colaboradores, 2018), nos quais são consideradas as condições ambientais adequadas para o desenvolvimento deles.

No esporte, destacam-se os seguintes fatores: treinamento (quantidade e qualidade/tipo de treinamento, papel do professor/técnico), condições psicossociais (apoio dos pais, técnicos e colegas, condições financeiras para treinar, apoio médico) e sistema organizacional (nacional ou regional) no qual está inserida a modalidade esportiva.

Diante do elevado sucesso do futebol feminino brasileiro no cenário internacional e da estrutura relativamente precária de formação das atletas nessa modalidade, é plausível a hipótese de que fatores psicossociais associados ao apelo cultural da modalidade no país sejam aspectos relevantes na formação das atletas e consequente destaque nas competições.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo investigar a interferência do treinamento esportivo e de fatores psicossociais na formação de atletas talentosas do futebol feminino.

MATERIAIS E MÉTODOS

Amostra

Foi avaliada a população de atletas profissionais do sexo feminino da categoria principal do Santos Futebol Clube (n=29), com idade entre 16 e 32 anos, dentre elas cinco vice-campeãs olímpicas.

As avaliações foram realizadas em 2009, ano em que a equipe foi campeã da Copa Libertadores da América.

Procedimentos

Como instrumento de pesquisa realizou-se uma entrevista semiestruturada com as atletas, com base no estudo de Massa (2006): a) Você pode me contar como foi seu início no futebol feminino?; b) Como foram as competições no seu treinamento? Você se destacava logo no começo ou o destaque veio com o tempo?; c) O seu treinamento sempre foi planejado ou não? Fale sobre ele; d) Você pode me contar o que te faz manter o interesse o tempo todo no futebol?; e) Me conte como foi e como é a participação dos teus pais, familiares e amigos em relação ao futebol; f) Me conte como foi o seu sustento financeiro desde o início no futebol até os dias atuais; g) Fale um pouco sobre os seus professores e técnicos e o papel deles na sua formação.

As entrevistas ocorreram no centro de treinamento e no alojamento das atletas. Os depoimentos foram gravados e posteriormente transcritos de modo a recuperar a integridade deles. Todas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e o presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Santa Cecília (CEP: 51/2010).

As respostas foram analisadas por meio do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (Lefèvre, Lefèvre, 2003) utilizando-se o programa (QualiQuantSoft - versão 1.3).

O método de análise se processa em três momentos: a) Definição das expressões-chave, que são pedaços ou trechos literais do

discurso, demarcados pelos pesquisadores (sublinhados) e que revelam a essência do depoimento; b) Determinação das ideias centrais, as quais são as expressões linguísticas que descrevem, de forma sintética, precisa e fidedigna, o sentido de cada um dos discursos analisados, que vai dar origem, posteriormente, ao Discurso do Sujeito Coletivo; c) Elaboração do discurso do sujeito coletivo, que se trata de um discurso síntese, redigido na primeira pessoa do singular e composto pelas expressões-chave que tem a mesma ideia central.

Análise dos dados

Foram elaboradas tabelas com as frequências absolutas e percentuais (%) para as ideias centrais (IC) encontradas nos discursos. As tabelas apresentam soma de frequências acima de 100%, dado que alguns discursos podem apresentar duas ou mais ideias centrais.

RESULTADOS

Os resultados deste estudo serão apresentados de acordo com os objetivos definidos para cada pergunta da entrevista (Tabelas 1 até 7).

O produto de cada pergunta permitiu a captação de ideias centrais (ICs) que possibilitaram a construção dos Discursos do Sujeito Coletivo (DSCs).

Tabela 1 - Caracterização das ideias centrais (IC), frequência e percentual (%) de respostas para a pergunta: *Você pode me contar como foi seu início no futebol feminino?*

	IC	Frequência	%
A	Jogava na rua	15	51,7
B	Escolinha de futsal/futebol	13	44,8
C	Família	7	21,1
D	Início em outras modalidades	2	6,9

A - Ideia Central “jogava na rua” - Discurso do Sujeito Coletivo 1

A gente jogava com os meninos na rua, começava a jogar com meus amigos, com os moleques, com meu irmão. Então o começo foi assim, acho que todas as meninas vão contar; arrancava a cabeça das bonecas para fazer de bola. Então, passou um dono de uma escolinha

de futebol masculino e gostou, aí comecei a jogar com os meninos; meu início nesta modalidade foi praticando com pessoas mais velhas.

B - Ideia Central “escolinha de futsal/futebol” - Discurso do Sujeito Coletivo 2

Comecei no futsal, um trabalho muito bom com meninas que queriam ser grandes jogadoras. Eu comecei jogando onde eu morava, jogando salão, a gente nos intervalos das aulas jogava bola. No salão eu tive um destaque e fui disputar os jogos escolares. Comecei fazendo futsal no centro esportivo que tinha perto da minha casa, me desenvolvi no salão e aí fui me adaptando ao campo.

C - Ideia Central “Família” - Discurso do Sujeito Coletivo 3

Por causa do meu irmão comecei a jogar na garagem de casa; eu ia com meu irmão para todos os lugares que ele ia. Meu pai foi jogador, meu pai gostava bastante de jogar futebol e sempre me levava desde pequenininha. Meu pai via que eu sabia jogar e me colocou numa escolinha lá na minha cidade.

D - Ideia Central “Início em outras modalidades” - Discurso do Sujeito Coletivo 4

Antes eu jogava vôlei, então eu comecei no futebol porque eu tive um problema no ombro e já não podia mais jogar vôlei, daí então fui para o futebol.

Tabela 2 - Caracterização das ideias centrais (IC), frequência e percentual de respostas para a pergunta: Como foram as competições no seu treinamento? Você se destacava logo no começo ou o destaque veio com o tempo?

	IC	Frequência	%
A	Destaque veio com o tempo	19	65,5
B	Sim, me destacava	9	31,0

A - Ideia Central “destaque veio com o tempo” - Discurso do Sujeito Coletivo 1

Acho que o destaque veio com o tempo, porque você vai adquirindo experiência. Eu não era destaque entre as meninas, não tinha espaço, eu ficava junto só pra treinar, pegar ritmo para não ficar sem jogar. Quando eu comecei jogando na rua com os moleques, não que me destacava, o treinador falava que eu era muito ruim, que não conseguia jogar direito. No campo já foi mais complicado porque é maior, as dimensões são diferentes, a marcação era diferente. Claro que o destaque vem com o tempo, nunca ninguém nasce sabendo das coisas, com o decorrer do trabalho, você vai aprimorando mais o treinamento, o trabalho, o que você tem que fazer.

B - Ideia Central “sim, me destacava” - Discurso do Sujeito Coletivo 2

No começo, quando eu jogava na escola, lógico que eu me destacava muito. Como eu treinava junto com os meninos, porque já aprendi jogar com os meninos mesmo, era sempre aquela menininha, era o destaque mesmo, porque eu era a única menina no meio dos meninos era sempre a primeira a ser escolhida. Treinava com meninas mais velhas do que eu e desde pequena era muito bem tecnicamente, fisicamente e conseguia seguir as instruções, isso fazia com que eu fosse diferente das outras meninas que estavam um pouco atrás. Destacava-me no meio das meninas pela minha altura, acho que o destaque foi logo de início, foi bastante rápido.

Tabela 3 - Caracterização das ideias centrais (IC), frequência e percentual de respostas para a pergunta: O seu treinamento sempre foi planejado ou não? Fale sobre ele.

	IC	Frequência	%
A	Treinamento não planejado	14	48,0
B	Sempre planejado	9	31,0
C	Planejado no final	9	31,0

A - Ideia Central “treinamento não planejado” - Discurso do Sujeito Coletivo 1

Você tinha que fazer a programação, treinar sozinha para estar bem. Corria meia hora em volta do campo e já era coletivo, não tinha tático, não tinha nada. No começo, jogava todo dia e aí não tinha planejamento. Algumas vezes o trabalho era um pouco melhor, outras vezes um pouco menos qualificado. A gente fazia o que o técnico pedia, mas quase sempre era só de improviso, eles faziam na hora. Não, nunca foi planejado, sempre fiz na hora o que eu sabia mesmo. Eu acho que não, sempre tento fazer o máximo que eu posso.

B - Ideia Central “sempre planejado” - Discurso do Sujeito Coletivo 2

Todo treinamento que eu tive na minha vida foi planejado. O treinador que aplicava

pegava bastante naquela característica que você tinha, tanto de qualidade para estar aperfeiçoando, quanto de defeito para estar aprimorando. O preparador físico sempre deixava os treinos para a gente fazer, então sempre foi muito bem-feito, muito bem planejado. Com o técnico os treinamentos eram planejados e bem fortes, é isso sempre as equipes que eu participei teve planejamento de treinamento.

C - Ideia Central “planejado no final” - Discurso do Sujeito Coletivo 3

Meus treinos só foram planejados depois que vim jogar num clube, com uma estrutura maior. No clube o treino é de segunda a sexta, dividido entre físico, tático e coletivo. Quando eu vim para o clube que começou a ser planejado, era horário de treino de manhã e a tarde em quase todos os dias.

Tabela 4 - Caracterização das ideias centrais (IC), frequência e percentual de respostas para a pergunta: Você pode me contar o que te faz manter o interesse o tempo todo no futebol?

	IC	Frequência	%
A	Amor ao esporte	17	58,6
B	Retorno financeiro	6	20,7
C	Sonho	3	10,3
D	Porque tenho dom	3	10,3
E	Apoio da família	2	6,9
F	Resultado em competições	2	6,9
G	Bolsa	1	3,4

A - Ideia Central “amor ao esporte” - Discurso do Sujeito Coletivo 1

Acho que é a paixão mesmo, a paixão que eu sinto por jogar futebol, de fazer o que eu gosto, amor pelas companheiras. É uma coisa maravilhosa que me mantém, não tem explicação. Em relação a dinheiro não tem, porque o futebol feminino no Brasil não dá tanto dinheiro que nem no masculino. É amor mesmo, é hobbie, é por gostar mesmo. Não sei nem se eu poderia viver sem ele. Às vezes a gente pensa em desistir, mas não dá o coração fala mais alto, a emoção. Eu sempre fui apaixonada por esporte, na família ninguém pratica esporte, eu sou a única que adora futebol.

B - Ideia Central “retorno financeiro” - Discurso do Sujeito Coletivo 2

Pelo retorno financeiro, a gente está tendo uma boa estrutura, de ganhar algum dinheiro, de ter a minha casa. Saber que eu posso ajudar minha família, deles estarem longe e de superar a distância e poder sempre ajudá-los da melhor forma. Jogar futebol é a única coisa que eu sei fazer, é o meu pão de cada dia, poder dar uma estrutura para minha família, para família que eu quero construir.

C - Ideia Central “sonho” - Discurso do Sujeito Coletivo 3

Quando a gente sonha com alguma coisa tem que buscar, aquela esperança de chegar a algum lugar. Eu já comecei a planejar, planejei o meu futuro se era isso mesmo que eu queria fazer.

D - Ideia Central “porque tenho dom” - Discurso do Sujeito Coletivo 4

Eu acho que nasci com o dom e quando tem o dom não tem quem faça você parar de jogar. Eu nasci pra isso, você já nasce com o dom de jogar futebol, algumas pessoas gostam, tentam e nunca conseguem.

E - Ideia Central “apoio da família” - Discurso do Sujeito Coletivo 5

O apoio dos meus pais, eles me apoiam muito, a gente tem que ajudar nossa família também.

F - Ideia Central “resultado em competições” - Discurso do Sujeito Coletivo 6

Eu comecei a ter participação na Seleção, tem as competições e eu quero participar depois quando eu vi que tinha um talento assim, aí eu comecei a me interessar cada vez mais.

G - Ideia Central “bolsa” - Discurso do Sujeito Coletivo 7

Era em função da faculdade, eu precisava jogar para manter minha bolsa.

Tabela 5 - Caracterização das ideias centrais (IC), frequência e percentual de respostas para a pergunta: Me conte como foi e como é a participação dos teus pais, familiares e amigos em relação ao futebol?

	IC	Frequência	%
A	Família apoiou	27	93,1
B	Apoio dos amigos	9	31,0
C	Preconceito	8	27,6
D	Família ausente/não apoiava	4	13,8

A - Ideia Central “família apoiou” - Discurso do Sujeito Coletivo 1

Quando você tá numa Seleção, vem mãe, pai, avó todo mundo lá feliz chorando falando para o Brasil inteiro, é minha neta, minha sobrinha, vale a recompensa. Meus pais me incentivam, sempre me apoiaram, acho que se eu estou aqui hoje é porque a maior força foram eles quem me deram. Muitas vezes você tem vontade de desistir, por falta de apoio, mas eles sempre tiveram do meu lado, nunca teve preconceito. Eles vão sempre aos jogos, assistem bastante pela televisão, presente nos treinamentos. A família apoia totalmente, investiram em mim, acreditaram no meu sonho e hoje eu to aqui por causa deles, agradeço muito aos meus pais por que eles sempre me apoiaram no futebol. A minha mãe que me

incentivou, que me ajudou que muitas vezes tirou o dinheiro de um alimento pra me dar, pra eu poder treinar, jogar e chegar até onde eu estou hoje.

B - Ideia Central “apoio dos amigos” - Discurso do Sujeito Coletivo 2

Meus amigos sempre gostavam de me ver jogar. Tive muitos amigos homens, então eu jogava bola com eles e sempre me apoiaram, torcem muito para que eu possa alcançar o objetivo mais alto, acham o máximo. Meus amigos falavam que eu tinha que ir em busca do meu sonho e acreditar.

C - Ideia Central “preconceito” - Discurso do Sujeito Coletivo 3

No começo era complicada a relação com meu pai porque ele não gostava, então ele brigava muito, tinha preconceito. Ele tava no elevador e ouvia: “olha a menina que só anda com os meninos”, então ele não gostava, ficava muito bravo. Já sofri muito preconceito, principalmente na escola quando jogava com os meninos, sempre tinha uma “zuação”, a menina joga mais que o menino, coisas assim, mas no começo ninguém me apoiava, falavam que era esporte para homem. No começo,

pegavam mais no meu pé, não gostavam muito, nunca tive apoio nenhum.

D - Ideia Central “família ausente/ não apoiava” - Discurso do Sujeito Coletivo 4

A participação dos meus familiares é muito pouco, mas, sempre estou falando, comunicando sobre futebol, mas não que eles não gostam do que eu faço, mas nem sempre eles estão presentes no momento. Eu não tenho acompanhamento de nenhum familiar. Ninguém tem essa preocupação em relação ao que eu faço no começo minha mãe não apoiava, não gostava muito.

Tabela 6 - Caracterização das ideias centrais (IC), frequência e percentual de respostas para a pergunta: Me conte como foi o seu sustento financeiro desde o início até os dias atuais?

	IC	Frequência	%
A	Atualmente se sustenta	23	79,3
B	Antes não recebia	17	58,6
C	Família sustentava	16	55,2
D	Recebe pouco	1	3,4
E	Sempre se sustentou	1	3,4

A - Ideia Central “atualmente se sustenta” - Discurso do Sujeito Coletivo 1

Meu sustento financeiro começou a partir do ano passado, onde eu passei a ter um contrato sério e recebendo. Eu me sustento e ajudo meus familiares. Eu to num clube com status financeiro melhor, recebo o bolsa atleta, não temos gasto nenhum aqui, água, alimentação, moradia, então a gente procura gastar com coisas pessoais. Agora ta sendo melhor, o apoio, o salário, agora eu to me mantendo bem, tem patrocinador, tem investimento, tem uma estrutura legal e eu vivo disso; dá até pra viver do salário que a gente ganha aqui.

B - Ideia Central “antes não recebia” - Discurso do Sujeito Coletivo 2

Não tinha salário, não tinha nada disso que tem hoje, a gente jogava por amor. Foram 10 anos sem receber, jogando sem ganhar nada, e ainda colocava do bolso. Não tinha apoio de ninguém, não tinha ajuda no início, foi complicado porque não tinha sustento financeiro.

C - Ideia Central “família se sustentava” - Discurso do Sujeito Coletivo 3

Eu nunca deixei de ter um sustento porque tinha minha mãe, eu tinha meus irmãos, minha família que me sustentava. Minha mãe que sempre me dava dinheiro para qualquer coisa, bancando as conduções para os treinos, viagem, almoço. Meu irmão ajudava na passagem, às vezes um lanchinho.

D - Ideia Central “recebe pouco” - Discurso do Sujeito Coletivo 4

Muito difícil, até hoje é difícil, viver assim com um salário tão baixo. Porque o futebol feminino não tem tanto reconhecimento, não ganhamos milhões como ganha o masculino, mas dá pra viver.

E - Ideia Central “sempre se sustentou” - Discurso do Sujeito Coletivo 5

No início eu tive muita sorte porque quando eu comecei já fui para clubes que tinham uma estrutura boa. Fiquei fora do país,

onde você consegue ter uma renda melhor, deu pra viver doze anos só do futebol, eu nunca trabalhei.

Tabela 7 - Caracterização das ideias centrais (IC), frequência e percentual de respostas para a pergunta: Fale um pouco sobre os seus professores e técnicos e o papel deles na sua formação.

	IC	Frequência	%
A	Professor na iniciação	16	55,2
B	Treinador dos anos finais de aprendizagem	11	37,9
C	Orientação técnica	11	37,9
D	Orientação educacional	6	20,7
E	Treinadores ruins	4	13,8

**A - Ideia Central “professor na iniciação”
Discurso do Sujeito Coletivo 1**

O meu 1º professor eu me lembro bem dele, um inspirador até pra profissão. Ensinou-me muita coisa do que eu sou hoje, da pessoa disciplinada, agradeço muito. O primeiro técnico é o que marca, foi onde eu tive um aprendizado muito grande, onde mais evolui. Acho que eles são fundamentais para o começo de tudo no futebol, ele quem apoiou, ele que me incentivou a começar, ajudou muito a minha formação.

B - Ideia Central “treinador dos anos finais de aprendizagem” - Discurso do Sujeito Coletivo 2

Eu só fui ter um técnico assim profissional agora, um treinador que se formou mesmo em Educação Física. Meu técnico atual é uma pessoa amada por muitos e é uma pessoa inteligente, que eu gosto muito. Está me ensinando tudo do que eu sei, eu aprendi mais do que eu sei agora. Ele foi muito importante e continua sendo muito importante. Todo dia eu me espelho bastante nele, é um ótimo profissional que tem me ajudado muito. A cada dia você vai aprendendo, não parei por aqui e espero aprender bem mais, me levou para as Olimpíadas e revolucionou o nosso modo de pensar em grupo.

**C - Ideia Central “orientação técnica” -
Discurso do Sujeito Coletivo 3**

Os técnicos nos dão as bases fundamentais no aprendizado como jogadora. Ensinar-me um pouco de tudo que eu sei

hoje, me ensinaram a parte técnica, tática. Até mesmo o preparador físico me ensinou a correr, a saber, me adaptar mais ao campo. Ele sabe ver o jogo, sabe o que você tem que melhorar.

**D - Ideia Central “orientação educacional” -
Discurso do Sujeito Coletivo 4**

Aprendemos a ter mais educação, aprendemos a viver sozinha, não só no campo, mas fora de campo. O técnico não tinha somente preocupação em ter um atleta, em formar uma grande atleta, ele se preocupava muito com tudo, e principalmente com o caráter da pessoa, que não fosse simplesmente uma atleta e sim um ser humano com responsabilidade, uma pessoa mais coerente, uma pessoa digna, uma pessoa com índole.

**E - Ideia Central “treinadores ruins” -
Discurso do Sujeito Coletivo 5**

Meus treinadores eram em maioria “doidão”. Ele gritava, xingava, então eu comecei já na porrada aí eu já fiquei calejada desde o começo, é aquela coisa, eles gostavam de ser técnicos e não eram técnicos. A maioria não era formado em Educação Física, ele não me colocava muito nos jogos por que tinha uma menina na minha posição que ele achava que era melhor, fui trabalhando e mesmo assim ele não mudava e eu estava bem melhor que ela na fase.

DISCUSSÃO

Verificou-se que 51,7% das atletas começaram jogando futebol na rua com amigos

ou irmãos e 44,8% iniciaram em escolinhas de futebol/futsal.

Tais resultados são diferentes de pesquisas que avaliaram atletas talentosos de outras modalidades, tais como handebol, atletismo e judô, nas quais a iniciação ocorre de maneira formal, ou seja, nas escolinhas de esporte ou em clubes (Massa, 2006; Mendonça e colaboradores, 2007; Vieira, Vieira, 2001).

Knijnik (2006) afirma que o futebol no Brasil, diferentemente de outras modalidades esportivas, é parte da cultura dos jogos infantis e que as meninas que começam jogando em espaços democráticos como a rua, sempre entre os meninos.

Marques e Samulski (2009) avaliaram atletas de alto nível do futebol masculino e encontraram valores semelhantes ao presente estudo; 54,8% dos avaliados iniciaram na rua e 32,9% numa instituição esportiva. Para os autores, apesar de a prática ocorrer principalmente na rua, as escolinhas parecem estar aumentando, sobretudo nos grandes centros urbanos, onde não é mais possível jogar na rua por questões de espaço e de segurança.

Convém destacar que esses programas formais para o oferecimento do esporte, consistem em ações isoladas, ou seja, ocorrem de forma assistemática e não estruturada (Massa, 2006).

Existe carência de estruturas públicas escolares e esportivas em nosso país para dar suporte a um programa sistematizado de crianças, encaminhando-as para o treinamento.

Com forte influência das atletas que participaram desta amostra do estudo, a partir do ano de 2019, todos os 20 participantes da Série A do Campeonato Brasileiro Masculino precisaram se enquadrar no Licenciamento de Clubes da Confederação Brasileira de Futebol e, por obrigação, manter um time de futebol feminino - adulto e de base. O clube que pleiteasse a licença precisaria ou manter por conta própria ou manter parceria com algum outro clube que já possuísse uma equipe e com isso pudesse incentivar o desenvolvimento de todas as categorias de base feminina e com isso mantivesse as condições necessárias para uma formação das atletas de forma profissional e não amadora.

A partir dessa obrigatoriedade da obtenção da licença dos clubes, a Confederação

Brasileira de futebol se comprometeu não só na disputa dos campeonatos como dar condições para que as equipes pudessem se manter para que houvesse o desenvolvimento necessário para as atletas (Castilho, 2022).

Para 65,5% das atletas avaliadas, o destaque nas competições veio com o tempo, após dedicação nos treinos e aprimoramento, adquirindo experiência; 31,0% citaram que tinham destaque desde o início, se sobressaindo na rua contra os meninos e nas escolinhas de futebol.

Tais achados concordam com Massa (2006) que avaliou seis judocas olímpicos e observou que apenas dois eram destaques nas primeiras categorias.

Em estudo semelhante (Massa e colaboradores, 2008) avaliaram nadadoras que pertenceram a seleção brasileira, observando que apenas duas das sete avaliadas tinham destaque acima da média nas primeiras categorias.

Cafruni, Marques e Gaya (2006) avaliaram atletas de alto nível na região sul e sudeste do Brasil (ginástica olímpica, ginástica rítmica, natação, tênis, voleibol e futsal) e concluíram que apenas 27% apresentaram altos resultados na etapa inicial.

Brito, Fonseca e Rolim (2004) avaliaram atletas de atletismo de Portugal, pertencentes aos 5 primeiros lugares do ranking infantil, iniciado e juvenil, e observaram que 11%, 13% e 26% dos atletas ranqueados nas categorias infantil, iniciado e juvenil conseguiram no ranking na categoria sênior.

Os estudos descritos acima ressaltam que as crianças e jovens com destaque na etapa inicial de treinamento, não necessariamente, se tornarão atletas de sucesso quando adultos.

Assim sendo, a precocidade parece não ser um sinal confiável para a predição do talento, o qual deve ser desenvolvido ao longo de um processo mais duradouro onde o prazer pela prática é o fundamental (Bloom, 1985).

Para 48% das atletas avaliadas o treinamento não era planejado. Tais resultados concordam com Massa (2006) que avaliou judocas que relataram não possuir nenhum tipo de planejamento nas primeiras categorias. Para o autor, nos anos intermediários (11 a 15 anos aproximadamente) os atletas eram carentes de planejamento e seguia-se um modelo feito para

todo o grupo de judocas, sem respeitar a individualidade.

Convém destacar que alguns dos atletas só participaram de treinos sistematizados nos anos finais de aprendizagem, após a participação da primeira olimpíada.

Tal resultado corrobora com (Schiavon e colaboradores, 2011), que verificaram que atletas de ginástica artística nos anos 80 só passaram a treinar em dois períodos após a participação em competições como Olimpíadas e Campeonato Mundial.

Massa e colaboradores, (2008) verificaram que 71% das nadadoras olímpicas brasileiras participantes de tal estudo sempre tiveram o treinamento planejado. Apenas 28% disseram que os treinos não eram planejados, sobretudo nas primeiras categorias. Muitas das nadadoras e dos judocas avaliados só participaram de treinos sistematizados e individualizados nos anos finais de aprendizagem, após a participação da primeira olimpíada.

O processo de formação de atletas brasileiros parece pouco sistematizado e organizado, principalmente nas primeiras etapas do treinamento. A sistematização do treinamento é essencial para o desenvolvimento de futuros atletas.

Verificou-se que o amor pelo esporte é o que mantém 58,6% das atletas no futebol; 20,7% das atletas se mantêm pelo retorno financeiro.

Knijnik (2006) avaliou o discurso das futebolistas, e verificou que semelhante ao encontrado, o que mantém o interesse de mulheres futebolistas a continuarem é o amor pelo futebol. Segundo o autor, elas reforçam que esta paixão pela modalidade “número 1” do Brasil; são os que a fazem lutar pelo seu direito de praticá-la.

Concordando com os estudos acima, os atletas talentosos do atletismo, judô e handebolistas também citaram a determinação e o amor/paixão pelo esporte como os principais motivadores da prática (Massa, 2006; Massa e colaboradores, 2010; Mendonça e colaboradores, 2007; Vieira, 2001).

Os fatores intrínsecos são os principais responsáveis pela continuação na modalidade, destacando-se a necessidade da implantação de programas nos anos iniciais de

aprendizagem que entusiasmem os atletas ao gosto pela prática da atividade esportiva.

Massa, e colaboradores (2010), em estudo realizado com judocas brasileiros, verificou que os atletas responderam que o início se deu na infância pela prática de atividades que lhe davam prazer e motivação.

Observou-se que 93,1% das avaliadas receberam o apoio da família, 31,0% tiveram o apoio dos amigos e 27,6% sofreram preconceito.

Nesse sentido, o apoio da família parece de suma importância para o desenvolvimento dessas atletas.

Em pesquisa realizada com judocas, 50% dos familiares apoiam a prática e apenas 16% familiares mostraram-se descrentes, possivelmente devido a nossa cultura não valorizar a prática da modalidade (Massa, 2006).

Em handebolistas, 55% relataram receber apoio da família e 33% citaram ausência de apoio da família; os autores atribuíram esse resultado ao fato da desvalorização social em relação à prática do handebol/judô, ou seja, a cultura popular brasileira valoriza muito a prática do futebol masculino em detrimento do processo de valorização, participação e desenvolvimento das outras modalidades esportivas no cenário nacional (Mendonça e colaboradores, 2007).

Além disto, outros estudos mostraram a importância dada pelos atletas ao apoio recebido dos familiares, tanto em aspectos psicológicos quanto financeiros (Ferreira, 2012, Massa e colaboradores, 2010).

Verificamos que, embora as meninas tenham menor acesso ao futebol em função de fatores socioculturais, os pais ofereceram apoio superior ao relatado em outros trabalhos brasileiros com atletas talentosos (Chaves, 2007; Knijnik, 2006; Goellner, 2005; Franzini, 2004; Freitas, 2004, Darido, 2002).

Verificou-se que 79,3% das atletas avaliadas se sustentam atualmente, contudo, no passado não recebiam apoio financeiro (58,6%) e os pais financiavam a prática do esporte (55,2%).

Massa (2006) e Bloom (1985) citam que o aspecto financeiro é um dos fatores que levam os atletas a desistir da modalidade; no início os pais e familiares custeiam o atleta (até os anos intermediários - até 15 anos) e ao longo do tempo faz-se necessário apoio de

patrocinadores (bancaram viagens e competições).

Em outras modalidades avaliadas (judô, natação, atletismo e handebol) observa-se um apoio financeiro da família inclusive nos anos finais de aprendizagem; e até a necessidade de trabalhar em paralelo ao treinamento (Massa, 2006; Massa e colaboradores, 2008; Mendonça e colaboradores, 2007; Vieira, Vieira, 2001).

De modo semelhante, no presente estudo pode-se observar as atletas no início não recebiam e a família que sustentava, nos anos iniciais (até 11 anos), intermediários (11 a 15 anos) e algumas nos anos finais (após 15 anos).

Observou-se que o professor na iniciação 55,2% foram os mais citados pelas atletas avaliadas. Corroborando com a pesquisa Massa (2006) em seu estudo expõe que os técnicos da iniciação foram os mais importantes, pois conseguiram transmitir valores de disciplina/respeito e o gosto pela modalidade.

Os técnicos que trabalham na iniciação mostraram-se fundamentais para o sucesso desses atletas e o auxílio na formação ética (educação) foi citada em todos os estudos. O reforço afetivo positivo às necessidades infantis e a responsabilidade de transmitir valores são essenciais para os professores que trabalham com crianças nos anos iniciais de aprendizagem (Bloom, 1985; Csikszentmihalyi, Rathunde, Whalen, 1997).

Porém, Marques, Samulski (2009), em um estudo realizado com atletas de futebol, foi verificado que os atletas responderam que em relação a alguém a ajudar o planejamento de sua carreira, os técnicos apareciam em 16,3% das respostas, atrás do empresário, 41,8% e do psicólogo, 22,7%.

O que mostra a importância de estudar estas variáveis em diferentes faixas-etárias e diferentes modalidades, pois talvez estes resultados não possam ser extrapolados a grupos de outra modalidade ou idade.

CONCLUSÃO

Conclui-se que o processo de formação de atletas brasileiros parece pouco sistematizado e organizado, principalmente nas primeiras etapas do treinamento.

A sistematização do treinamento é essencial para o desenvolvimento de futuros atletas.

Verificou-se que 51,7% das atletas começaram jogando futebol na rua com amigos ou irmãos e 44,8% iniciaram em escolinhas de futebol/futsal.

Para a maioria das atletas avaliadas o destaque nas competições veio com o tempo, após dedicação nos treinos, corroborando outras pesquisas publicadas.

Os fatores intrínsecos são os principais responsáveis pela continuação na modalidade, destacando-se o apoio familiar. Há necessidade da implantação de programas nos anos iniciais de aprendizagem que motivem as atletas e promovam o gosto pela prática da atividade esportiva.

Além do apoio familiar, os professores da iniciação (55,2%) foram os mais citados pelas atletas como fatores determinantes do sucesso o futebol.

O reforço afetivo positivo às necessidades infantis e a responsabilidade de transmitir valores são essenciais para os professores que trabalham com crianças nos anos iniciais de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- 1-Abbott, A.; Button, C.; Pepping, G J.; Collins, D. Unnatural selection: Talent identification and development in sport. *Nonlinear Dynamics, Psychology, and Life Sciences*. Vol. 9. Núm. 1. p.61-88. 2005.
- 2-Bloom, B S. *Developing talent in young people*. New York: Ballentine. 1985.
- 3-Böhme, M T S. Talento esportivo. In: Gaya, A.; Marques, A.; Tani, G. *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades*. Porto Alegre. UFRGS. 2004. p.235-249.
- 4-Brito, N.; Fonseca, A.M.; Rolim, R. Os melhores atletas nos escalões de formação serão igualmente atletas no escalão sênior? Análise centrada nos rankings femininos das diferentes disciplinas do atletismo ao longo das últimas duas décadas em Portugal. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. Vol. 4. Núm. 1. p.17-28. 2004.

5-Cafruni, C.; Marques, A.; Gaya, A. Análise da carreira esportiva de atletas das regiões sul e sudeste do Brasil: estudo dos resultados esportivos nas etapas de formação. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. Vol. 6. Núm. 1. p.55-64. 2006.

6-Calvo, A. L. Detección o desarrollo del talento? Factores que motivan una nueva orientación del proceso de detección de talentos. *Apuntes-Educación Física y Deportes*. Vol. 71. Núm. 1. p.23-28. 2003.

7-Castilho, L.R.M.; Soares, L. O Licenciamento de clubes no futebol feminino como ferramenta para a evolução da profissionalização da categoria. 2022. Disponível em <https://ibdd.com.br/o-licenciamento-de-clubes-no-futebol-feminino-como-ferramenta-para-a-evolucao-da-profissionalizacao-da-categoria/#_ftnref3>

8-Chaves, A. S. O futebol feminino: uma história de luta pelo reconhecimento social. *Revista Digital*. Buenos Aires. Ano 12. Núm. 111. 2007.

9-Csikszentmihalyi, K.; Rathunde, K.; Whalen, S. *Talented teenagers: the roots of success and failure*. Cambridge. Cambridge University Press. 1997.

10-Darido, S. C. Futebol Feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. Universidade Estadual Paulista. São Paulo. 2002.

11-Franzini, F. Em posição de impedimento: as mulheres no país do futebol, *Revista eletrônica de jornalismo científico*. 2004.

12-Ferreira, R.M.; Moraes, L.C. Influência da família na primeira fase de desenvolvimento da carreira de nadadores medalhistas olímpicos brasileiros. *Motricidade*. Vol. 8. Núm. 2. p. 42-51. 2012.

13-FIFA Women's Ranking, 2022. Disponível em: https://www.fifa.com/fifa-world-ranking/women?dateId=ranking_20211210. Acessado em 15/02/2022.

14-Freitas, L. L. Gênero e futebol feminino: preconceitos, mitos e sexismo na prática

discursiva de docentes de Educação Física, 2004.

15-Goellner, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. Vol. 19. Núm. 2. p.143-51. 2005.

16-Johnston, K.; Wattie, N.; Schorer, J.; Baker, J. Talent Identification in Sport: A Systematic Review. *Sports Medicine*. Vol. 48. Núm. 1. p.97-109. 2018.

17-Knijnik, J. D. Femininos e masculinos no futebol brasileiro. Tese de doutorado. São Paulo. Universidade de São Paulo. 2006.

18-Marques, M. P.; Samulski, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sociofamiliar e planejamento da carreira. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. Vol. 23. Núm. 2. p. 103-19. 2009.

19-Massa, M. Desenvolvimento de Judocas Brasileiros Talentosos. Tese de doutorado. São Paulo. Universidade de São Paulo. 2006.

20-Massa, M.; Uezu, R.; Böhme, M.T.S. Judocas olímpicos brasileiros: fatores de apoio psicossocial para o desenvolvimento do talento esportivo. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte*. São Paulo. Vol. 24. Núm. 4. p.471-81. 2010.

21-Massa, M.; Massetto, S.T.; Defino, P.F.; Medeiros, C. Desenvolvimento do talento esportivo na realidade da natação feminina brasileira. Relatório Final apresentado ao MackPesquisa como requisito parcial para a conclusão do processo de Apoio à Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2008.

22-Mendonça, M.T.; Honda, R., Massa, M.; Uezu, R. Formação e desenvolvimento de talentos esportivos no handebol masculino. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. Núm. 6. Vol. 1. p.125-135. 2007.

23-Schiavon, R.R.; Paes, A.; Moreira, G.B.M. Maia. Etapas e volume de treinamento das ginastas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004) *Motricidade*. Vol. 7. Núm. 4. p. 15-26. 2011.

24-Vieira, L.; Vieira, J. Talentos esportivos: Estudo dos atributos pessoais dos atletas paranaenses do atletismo. Revista da Educação Física/UEM. Vol. 12. Núm. 1. p. 7-17. 2001.

Autor correspondente:
Rodrigo Schmidt.
rodrigoshmidt01@gmail.com
Universidade de São Paulo.
Escola de Artes, Ciências e Humanidades.
Educação Física e Saúde.
Av. Arlindo Bértio, 1000.
Vila Guaraciaba, São Paulo-SP, Brasil.
CEP: 03828-000.

Recebido para publicação em 04/04/2022
Aceito em 01/06/2022